

O REGIONALISMO DE JOSÉ LINS DO REGO E AMANDO FONTES

META

Analisar criticamente as obras de José Lins do Rego e Amando Fontes.

OBJETIVOS

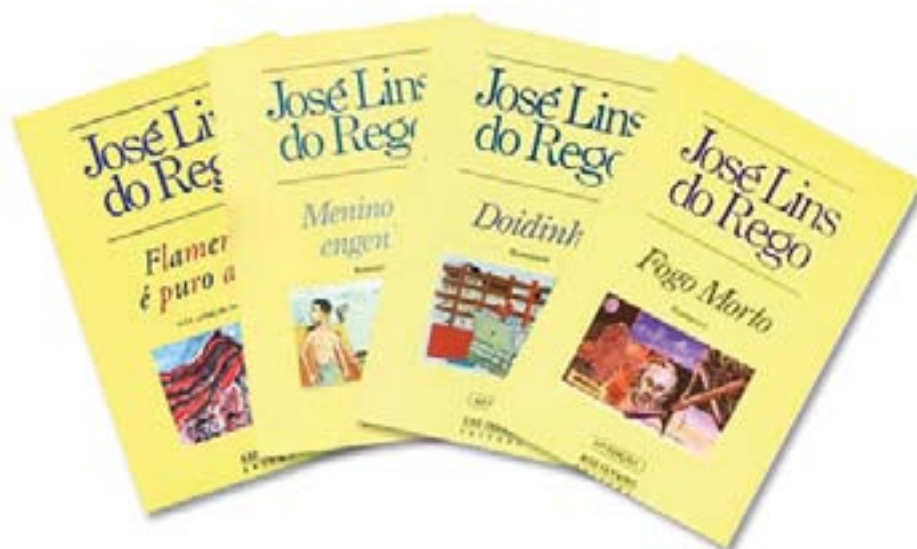
Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar as características e fases do regionalismo de José Lins do Rego;
analisar e identificar os elementos do regionalismo pitoresco em *Menino de engenho*;

Comparar a proposta estética de Amando Fontes com os outros regionalistas.

PRÉ-REQUISITOS

Introdução ao regionalismo.



Capas de livros de José Lins do Rego.

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha>).

ENTRE O PÍTORESCO E O CRÍTICO

Esta aula apresenta a diferenciação do regionalismo crítico do pitoresco na obra de José Lins do Rego. Sabemos que o romance nordestino da década de trinta apresenta a peculiaridade de trazer o debate do engajamento social do escritor como uma forma de fazer arte. A partir do *Manifesto Regionalista*, importantes autores locais passaram a pesquisar a cultura da região como uma forma de fortalecer e valorizar as tradições que se perdiam com a modernização do engenho de açúcar com a chegada das modernas usinas. Esse enfoque recebe um tratamento especial de José Lins do Rego que descreve a transformação da região apontando a decadência dos engenhos em *Fogo Morto*. Diferentemente dessa linha, Amando Fontes faz parte desse grupo por contextualizar os retirantes do estado de Sergipe diante da luta pela sobrevivência numa fábrica de tecidos da capital. Com seu romance *Os corumbas*, Fontes apresenta um romance de proletariado marcado pelo determinismo e pelo pessimismo próprios desse gênero literário.

O REGIONALISMO PÍTORESCO DE JOSÉ LINS DO REGO

José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957) natural da Paraíba, foi um dos líderes na divulgação do *Manifesto Regionalista*. Sua obra defende um regionalismo mais pitoresco que evolui para o crítico. Por ter vivido parte de sua infância nos engenhos do avô, seu imaginário do garoto vai se desdobrar em importante fonte ficcional. A riqueza da cultura, da culinária, da música, da dança e do sincretismo religioso são descritos com paixão pelo escritor. Suas principais obras são dessa fase regionalista: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Riacho doce* (1939), *Fogo morto* (1943).

Sua memória e observação são responsáveis pela forma poética de narrar os costumes do Nordeste brasileiro. Assim, sua relação com seu passado é fundamental para a construção de sua obra, repleta de uma gente colorida descrita a partir do painel de um garoto. Seus dados biográficos são incorporados por uma ficção vigorosa que apresenta uma carga de reflexão crítica maior à medida que o tempo vai passando. Diferente das experimentações estéticas de Graciliano Ramos, José Lins do Rego se diz um escritor espontâneo e instintivo. Todavia, essa prerrogativa não vale para sua obra-prima *Fogo Morto*. Nessa última obra da fase de engenho, temos um narrador pessimista consciente da forma como os empregados do engenho eram explorados por um sistema perverso de troca de favores pela sobrevivência.

Na primeira obra, *Menino de engenho*, encontramos uma narrativa em torno do jovem Carlos, um garoto que fica órfão, após o pai assassinar a mãe por ciúmes. Ele é criado na fazenda do avô pelas tias e empregadas.

A iniciação de Carlos é livre e está sujeita às regras do engenho tanto no trato social como no sexual. Ele se aproveita do contexto do engenho para transitar entre a desordem de uma infância livre. Por não haver controles, logo o garoto tem sua sexualidade despertada em brincadeiras com os garotos e com as negras do engenho.

A narrativa é desenvolvida pelo ponto de vista do garoto da classe dominante. A forma apaixonada como essa narrativa é construída se aproxima da forma como Jorge de Lima explora o pitoresco em seus Poemas negros. No entanto, esse olhar de valorização da cultura local vai atravessar as primeiras obras até receber um tratamento pessimista em *Fogo morto*. Nessa última obra, os conflitos humanos ganham mais força e o pitoresco dá lugar ao reconhecimento da decadência do Nordeste. As impressões do menino cedem espaço para o olhar pessimista do intelectual consciente dos limites agrário de sua região estagnada na política por uma política de favores controlada pela igreja e coronéis.

Vamos agora para uma análise da forma como o negro é representado em *Menino de Engenho*. Antes, leia os fragmentos desse romance que canta as cores locais pelo olhar lírico do jovem Carlos:



O imaginario regionalista por Portinari.
(Fonte: <http://www.objetosimobjetonao.blogspot.com>).

Fragmento I

“Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregeador às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implanta a ordem. Andávamos muito

nessas suas visitas de patriarca. Ele parava de porta em porta, batendo com a tabica de cipó-pau nas janelas fechadas. Acudia sempre uma mulher de cara de necessidade: a pobre mulher que paria os seus muitos filhos em cama de vara e criava-os até grandes com o leite de seus úberes de mochila. Elas respondiam pelos maridos” (REGO, 1995, p. 25).

Fragmento II

Pela semana santa – da coroa de espinhos, da lançada no coração e do sangue que correu da ferida e abriu os olhos de um cego que ficara por baixo da cruz. Na sexta-feira santa só se comia uma vez no engenho. Vinha peixe fresco da cidade e parentes de outros engenhos: comia-se muito mais do que nos outros dias. As negras na cozinha falavam do martírio de Jesus com uma compaixão de dentro da alma, e diziam que se o padre na missa do sábado não achasse a aleluia, o mundo se acabaria de uma vez. Os moradores vinham então pedir o jejum, em bandos. Davam-lhes bacalhau e farinha. Eles saíam com a mulher e os filhos rotos, de sacos nas costas, como se estivessem fazendo um número de via-sacra. O dia todo era triste. O trem de ferro não corria na linha (REGO, 1995, p. 29).

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos. (REGO, 1995, p. 60).

Fragmento III

Para essa gente pobre a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando a dia. O que ganham nem dá para o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho do ceará, e não andavam nus como hoje, com os troços aparecendo. Só vim a ganhar dinheiro em açúcar com a abolição. Tudo o que fazia dantes era para comprar e vestir negros (REGO, 1995, p. 61).

Nesses fragmentos temos as primeiras impressões do menino no espaço do engenho. No terceiro ele aborda o abandono do negro depois da escravidão. A temática do negro é o que mais nos interessa nessa leitura, pois vai nos trazer uma versão pitoresca do regionalismo. Nas primeiras décadas do século XX, o negro brasileiro sempre teve uma preocupação maior com sua sobrevivência do que com a busca de um discurso próprio ou uma identidade de resistência. Fora alguns fatos históricos, os negros, no Brasil, durante o Modernismo se mostraram submissos ao sistema cultural da democracia racial em que ele continuava circulando os terreiros da casa

grande. Assim, vamos traçar um painel de como o jovem Carlos observa essa relação democrática racial.

Portanto, esta análise parte da hipótese de que a representação do negro mostra que havia um sistema perverso por traz do regionalismo pitoresco presente em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e como já analisado em *Poemas Negros* de Jorge de Lima. Pelo contexto histórico, nessas obras, a voz do negro é sempre descrita pelo olhar de superioridade do homem branco, uma vez que seus discursos repetem a ideologia de um sistema opressor racial. Apesar de uma proposta pitoresca, identificamos a contextualização social da situação deprimente do negro nos engenhos após a abolição da escravatura. Isso fica evidente nos comentários que o narrador adulto faz da vida que levava enquanto menino livre: “A senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pegada à casa-grande, com as suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabras do eito” (ME, p. 41).

Pelas propostas do regionalismo, a cultura local deve ser cantada e valorizada. Assim, os dois escritores, José Lins do Rego e Jorge de Lima, ao fazer uma versão pitoresca, nos deixam as marcas da barbárie da escravidão como bem descreve o narrador no fragmento III. Assim, a violência da dominação é contada pelo prisma do homem branco, como uma extensão de seus prazeres e de sua infância. Por isso, mesmo que de forma ambígua, José Lins do Rego apresenta um negro que se mostra resistente ao modelo modernizador, pois não se dobrava totalmente. Mesmo pelo viés do menino, os ecos dessa opressão passam a fazer parte de seu imaginário. Assim, pela voz do homem branco, o grito do negro ecoa na obra de José Lins do Rego e nos apresenta pequenos conflitos entre senhor e escravo.

A ambigüidade dessa escrita nasce pela forma apaixonada que o menino nos conta seus dias alegres no engenho do avô. Como voz hegemônica, o narrador prefere associar as cenas descritas a um passado distante do qual ele não faz parte. Essa inocência da narrativa, esse falar apaixonado é que reforça a ambigüidade, pois mesmo sem intenção, *Menino de engenho* toca no tema da barbárie.

Por outro lado, essa narrativa valoriza o lugar do escritor nordestino e a vivacidade de sua terra. Esse canto dos costumes locais se repete em diversas passagens de *Menino de engenho*. Seja nas histórias da Velha Totonha, seja nas festas típicas, na culinária, na própria organização política do engenho que o menino, sem perceber, hierarquiza para o leitor. Por ser uma valorização lírica, identificamos a ambigüidade como a melhor qualidade desse romance por apresentar um pitoresco híbrido. Por privilegiar a descrição do passado da região, ela nos apresenta a hibridez das tradições locais ao tocar, mesmo de forma sutil, nos conflitos raciais. Essa ambigüidade é um ponto positivo da literatura de José Lins do Rego, que vai além do manifesto regionalista ao deixar as marcas da violência registrada como parte daquele contexto.

Com esse cantar, os conflitos chegaram à tona e hoje podemos interpretar essa obra pela força vigorosa desse conflito.

A escrita de José Lins do Rego se aproxima dos conceitos de transculturação quando atendem a exigências de renovação da linguagem literária que vêm dos grandes centros e preservam a tradição local, mesmo que vista como uma cultura de massa. Ele recupera as fontes literárias locais, evitando que elas pereçam. Sua literatura apresenta aspectos híbridos do contexto cultural do negro e dos valores locais da tradição popular como cobrava a proposta regionalista. Esses aspectos ressurgem como uma recuperação de formas, temas, motivos e até mesmo como a recuperação da prosódia e do coloquialismo presentes na fala do narrador dessa obra como vocabulários afro-brasileiros.

O conflito entre o moderno e o arcaico fica evidente em *Menino de engenho*, pela perspectiva de um narrador, Carlinhos, que reconstrói o passado a partir da perspectiva de um homem letrado. Nesse jogo de vozes, passado e presente configuram um contexto social opressor que repete a imposição colonial do homem branco como norma. Mesmo predominando o discurso hegemônico, *Menino de engenho* representa uma crítica à modernidade. Essa perspectiva não está exposta na linguagem literária de forma engajada, todavia está presente na violência contra os negros. Ao recuperar aspectos locais da opressão do negro, essa obra revela o conflito modernizador por meio de uma literatura híbrida e ambígua, na qual o discurso lírico e apaixonado do narrador apresenta suas sombras, pois ora glorifica a diversidade racial e cultural do nordeste, ora deixa o grito do negro registrado. Ao buscar no passado cenas que compuseram seu imaginário, o narrador deixa-se guiar pela autenticidade dos seus sentimentos e é traído pela descrição da violência.

Para melhor explorar essa ambigüidade, vamos destacar algumas cenas em que essa ambigüidade do regionalismo pitoresco fica exposta na violência: “O meu avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco” (ME, p. 29). Em outras passagens as mulheres negras são descritas como parideiras, repetindo uma prática do engenho: “E todo ano pariam o seu filho. Avelina tinha filho do Zé Ludovina, do João Miguel destilador, do Manuel Pedro purgador. Herdavam das mães escravas esta fecundidade de boas parideiras” (ME, p. 39). Nesse aspecto, o narrador constrói uma sociedade resistente às mudanças.

Com as cenas de miséria e descuido, o narrador já adulto deixa pistas dessa ambigüidade quando evidencia a omissão político-social dos seus antepassados:

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando

como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos (ME, p. 60).

A consciência pesada do narrador reforça o discurso ambíguo. Seu conflito está no fato de reconhecer a posição desgraçada em que os negros viviam e na sua comodidade. A comparação dos negros com animais de cargas e com os matos (a cana) repete a idéia do homem negro como uma mercadoria. Também o discurso do narrador se mostra camuflado ideologicamente ao revelar que o avô usava a escravidão como um marco para suas histórias. No entanto, em nenhum momento, há uma postura de crítica ao poder do avô: “ - Isto se deu antes do cólera de quarenta e oito ou depois do cólera de cinqüenta e seis. Eram os sinistros marcos de suas referências. O seu grande motivo era, porém, a escravidão” (ME, p. 60).

A perversão do colonizador está nos maus tratos do negro, no desrespeito aos valores humanos: “Então o major comprou a metade do escravo. E trouxe o atrevido para a sua bagaceira. E mandou chicoteá-lo no carro, a cipó de couro cru, somente do lado que lhe pertencia” (ME, p. 61). O conflito modernizador fica evidente quando o narrador relata a impossibilidade de os discursos universais se concretizarem numa região economicamente abandonada: “Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando a dia. O que ganham nem dá para o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho e ceará, e não andavam nus como hoje, com os troços aparecendo. Só vim a ganhar dinheiro em açúcar com a abolição. Tudo o que fazia dantes era para comprar e vestir negros” (ME, p. 61). Tematicamente, a idéia pode ter sido abordar o negro de forma secundária, uma vez essa narrativa busca reconstruir o tempo de um avô patriarcal, José Paulino, o dono do poder.

Dessa forma, podemos dizer que o narrador apresenta posições de mediador em vários ângulos: a o menino branco, com ecos da opressão e violência contra os negros. Como visto nesta análise, esse processo é articulado pela mediação entre a visão do narrador letrado e o menino apaixonado pela liberdade do engenho. Portanto, Lins do Rego consegue ir além de um realismo pitoresco, ao trazer os ecos da violência para dentro de suas memórias quando restaura a visão regional do mundo sem destruir a identidade local. Embora não apresente um regionalismo crítico, o narrador de *Menino de engenho* se mostra um mediador ambíguo que escorrega entre o passado grandioso do engenho e o caos do presente, entre a cultural local e sua formação letrada.

Portanto, a perspectiva regionalista de José Lins do Rego em *Menino de Engenho* revela um discurso hegemônico quando apresenta a posição do negro como secundária na construção da cultura brasileira. O conflito modernizador proposto por José Lins do Rego está presente na forma

como a voz do negro é silenciada. Sua narrativa regionalista constroi um painel social de um Brasil arcaizado que busca se modernizar, mas que se depara com o atraso cultural.

A voz e a imagem do negro são construídas a partir de um ângulo restrito da ambigüidade estética, pois “Numa sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais reforçaram os valores impostos, puderam muitas vezes, de outro, usar a ambigüidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão” (CANDIDO, 2000, p. 178).

A MULHER NA NARRATIVA DE AMANDO FONTES

Amando Fontes (1889-1967), nascido em Santos em São Paulo foi completamente educado e formado no estado de Sergipe por onde se tornou deputado federal. Escreveu dois romances que fazem parte do regionalismo crítico: *Os Corumbas* (1933) e *Rua de Siriri* (1937). Duas obras que se diferem das outras regionalistas por suas condições de romance proletário. Mesmo não especificando a cultura, o espaço geográfico, o folclore da região rural do Nordeste, *Os Corumbas* apresenta peculiaridades que enriquecem o debate em torno do romance regionalista. Trata-se de uma obra engajada com as causas operárias e, pela primeira vez, narra os conflitos de uma família de retirantes no espaço urbano tentando se adaptar às lutas de classe.



Trabalhadores pintados por Portinari.
(Fontes: <http://www.blogmetropolitano.com.br>).

Os corumbas apresenta uma aproximação com os romances socialistas de Górkki, por debater a questão trabalhista. A narrativa tem duas etapas, depois de uma grande seca a família de Seu Geraldo e Josefa se muda para Aracaju para tentar a sorte. Ele com problemas de saúde não tem facilidade no trabalho e a família passa muitas privações nessa fase. Com quatro mulheres e um rapaz, o casal vai aos poucos vê o sonho de uma vida melhor quando as filhas precisam deixar os estudos para que trabalhar e contribuir com a renda da família. O único filho, Pedro, envolve-se com agitações grevistas e lutas sindicais é preso e extraditado. Por sua vez, as filhas uma a uma são tragadas pelas péssimas condições de vida e se prostituem desonrando a família. Depois de tantas decepções, a tristeza e a depressão envolve Seu Geraldo e Josefa que não conseguem livrar as filhas desse fim desonroso, apenas uma filha espaça dessa condição por morrer de tuberculose. Das obras regionalistas analisadas neste curso. A história da família de Seu Geraldo é a mais trágica, ele e sua mulher voltam para o interior sem o filho e nenhuma das filhas, completamente decepcionados com a capital. Assim, por um viés mais socialista, *Os Corumbas* traz o cotidiano de trabalhadores que se submetem a condições de trabalho desumana para sobreviver. Entre suas páginas, há cenas de festas populares, como as festas juninas de São João. Mas grande parte da narrativa acontece em cômodos pequenos e desprovidos de móveis ressaltando a simplicidade dessa gente. Longe dos ideais do *Manifesto Regionalista*, a culinária de *Os corumbas* resalta a simplicidade do trabalhador com a alimentação completamente básica. O autor não descreve nenhum prato da região e pelo contrário, ele privilegia os desafios do trabalhador. Esse olhar pessimista de Amando Fontes contribui para ressaltar o olhar politizado de seu regionalismo.

OUTROS ESCRITORES MODERNISTAS DA SEGUNDA GERAÇÃO

A segunda geração modernista compreende um grande nome de grandes escritores que estiveram envolvidos com as causas históricas brasileiras. Neste curso, valorizamos a questão do regionalismo nordestino, mas não podemos deixar de sugerir as leituras da grande obra do Gaúcho Érico Veríssimo, um regionalista apaixonado por sua terra e seu povo. Sua monumental obra *O tempo e o vento*, escrita em três volumes não pode ficar de fora sobre um estudo do regionalismo brasileiro.

Além do romance regionalista, a segunda geração de prosadores modernistas teve a contribuição da prosa intimista, existencial, com abordagens simbólicas e psicológicas dos problemas do homem brasileiro. Esse universo misterioso e introspectivo está presente em obras como *A menina morta*, de Cornélio Penna, e *Crônica de uma casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Essas obras trazem leituras de um país marcado pela cultura e opressão da tradição

patriarcal. Entre os escritores da linha intimista, ainda temos Cyro dos Anjos e Octávio de Faria. Por questões didáticas, sugerimos a leitura das obras desses autores para um maior entendimento do modernismo no Brasil.

O OLHAR ÉPICO DE ÉRICO VERÍSSIMO

Érico Veríssimo nasceu em 1905, foi um diplomata que representou o país em vários países. Por ser um homem carismático, foi muito querido pelos escritores de sua época com os quais tem uma vasta correspondência que atesta seu envolvimento político e social com os problemas brasileiros. Faleceu em Porto Alegre em 1975. Sua obra abrange duas etapas: uma de caráter mais folhetinesco e romântica que se estende de *Clarissa* a *O Resto É Silêncio*; a outra que compreende ao cíclico épico de *O Tempo e o Vento*. (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 366). Essa obra é a mais valiosa por seu envolvimento com as tradições locais. Vale a pena também destacar seu romance fantástico *Incidente em Antares* (1973). Uma de suas obras mais famosas e importantes que crítica e interpretar a opressão das ditaduras brasileiras, tanto a de Getúlio Vargas, na década de 30, como a do Governo Militar a partir de 1964. Como um alegoria da política, essa obra narra a volta de sete mortos de várias classes sociais, depois de uma greve dos coveiros. De forma inovadora, esses mortos apontam as falhas de caráter de seus familiares e políticos. Com um tom paródico e cômico, essa obra faz uma interpretação bem humorada dos grandes ditadores.

Sua narrativa é épica e descreve as lutas dos gaúchos nas fronteiras contra os índios e invasores espanhóis. Ana Terra, Capitão Rodrigo, são duas personagens fortes e apaixonantes desse imaginário regional que ainda nos traz com precisão a geografia dos pampas com sua história, cultura, culinária e formação identitária. Por ser uma narrativa épica de fundo grandioso, *O tempo e o vento* atravessa três gerações de gaúchos envolvidos em lutas externas e dramas familiares. Nessa obra, “o romancista preocupa-se com a investigação das origens e formação social do seu Estado natal. Realiza então a obra cíclica que recebeu a denominação geral de *O Tempo e o Vento*, de proporções verdadeiramente épicas” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 367).

CONCLUSÃO

O regionalismo de José Lins do Rego e de Amando Fontes traz importantes contribuições para a literatura brasileira. Cada um ao seu jeito retoma o debate sobre a cultura local. O primeiro autor faz parte do regionalismo pitoresco, com seu lirismo local apaixonado, como também fizeram Jorge de Lima e Jorge Amado. O segundo mergulha em um socialismo que denuncia as mazelas do operário, em um tom mais amargo que os romances de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Essas representações da cultura local não perdem o elo com os grandes problemas do Brasil. Em uma década marcada pela Ditadura de Vargas com sua censura e opressão, a literatura regionalista, seja a de cunho mais pitoresco, seja a mais crítica, deu sua importante contribuição para o questionamento dessas imposições ao mesmo tempo em que resgatava a cultura local com um olhar crítico.

RESUMO

Esta aula analisou as diferentes posições do regionalismo de José Lins do Rego e de Amando Fontes. As obras *Menino de engenho* e *Os Corumbas* foram respectivamente analisadas nesta aula. Nessas obras, encontramos o típico regionalismo pitoresco em Rego e o regionalismo crítico em Fontes. Além disso, foram listados importantes escritores do modernismo brasileiro como Érico Veríssimo, Cornélio Penna e Lúcio Cardoso.



ATIVIDADES

1. Identifique as especificidades do regionalismo de José Lins do Rego.
2. Faça um texto dissertativo apresentando comentários sobre *Menino de engenho*, de José Lins do Rego e *Os Corumbas*, de Amando Fontes.



COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Para suas respostas, faça uma leitura desta aula e apresente um ponto de vista objetivo crítico sobre as ideias defendidas aqui. Veja que José Lins do Rego faz parte da tradição pitoresca da forma de abordar o regionalismo. Todavia, sua obra *Fogo morto* traz uma nova etapa dessa abordagem. A obra de Amando Fontes é tida como um romance de proletário pela valorização das questões trabalhistas. O material regional é secundário na obra do autor sergipano, todavia, a visão engajada de sua literatura se filia à tradição do regionalismo nordestino.



AUTO-AVALIAÇÃO

Sua auto-avaliação deve ser crítica e capaz de direcionar seus estudos sobre os dois tipos de regionalismo: o pitoresco e o crítico. Nem todas as obras se encaixam apenas em um desses recortes, muitas apresentam trechos com as duas formas de explorar o regionalismo. A partir dessa última aula, você deve ser capaz de comparar e criticar a proposta regionalista de cada escritor no contexto brasileiro da década de trinta. Agradecemos sua leitura e envolvimento nas nossas aulas. Não custa lembrar que, se você ainda tem dúvidas, deve escrever para seu tutor. Boa prova e sucesso na sua formação como um profissional da área de Letras.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia**. 15^a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5^a. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3^a ed. São Paulo: Ática, 2000.
- COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **Aliteratura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- REGO, José Lins. **Menino de engenho**. 64a. Edição. Rio de Janeiro. José Olympio.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18^a. Edição. Petrópolis, 2009.